

Entre a nostalgia reacionária e a fragilidade econômica: os significados da masculinidade entre os jovens eleitores de Javier Milei

Março de 2026

Publicado pela Fundação Heinrich Böll Buenos Aires

Autores

Esther Solano - Pablo Romá - Cecilia Feijoo - Guido Bonano

Diagramação e Design Gráfico

Marilyn Fernandez

Contato: info@ar.boell.org

ar.boell.org



Esta publicação está disponível com acesso aberto sob a licença Atribuição-Não comercial-Compartilhamento na mesma licença 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Licença: (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>). Deve-se dar crédito ao criador (BY); apenas são permitidos usos não comerciais da obra (NC); as adaptações devem ser compartilhadas sob os mesmos termos (SA). O material pode ser distribuído, copiado e exibido por terceiros, desde que a autoria seja reconhecida nos créditos. Não é permitido obter qualquer benefício comercial e as obras derivadas devem estar sob os mesmos termos que a obra original. Mais informações em: <http://creativecommons.org>

Entre a nostalgia reacionária e a fragilidade econômica: os significados das masculinidades entre os jovens eleitores de Javier Milei

Esther Solano - Pablo Romá - Cecilia Feijoo - Guido Bonano

Março de 2026

Índice

Prólogo.....	5
Introdução.....	6
O masculinismo como geopolítica das direitas.....	7
O ideal reacionário de “reconstituir” uma ordem de gênero em crise.....	8
Ser homem como “identidade em sofrimento”.....	8
O desmoronamento do ideal do “homem-provedor”: fragilização socioeconômica e competição no mercado de trabalho.....	9
A nostalgia como resposta: a família tradicional.....	10
Vias de fuga.....	12
O fantasma do macho alfa.....	13
O feminismo como inimigo.....	14
O rechaço às políticas de gênero: entre a discriminação e a ineficácia.....	14
Aceitação parcial: entre a ESI e o aborto.....	15
O ativismo virtual e um ecossistema de influenciadores masculinistas.....	16
Milei como “leão”.....	18
A “Batalha Cultural” como atrativo militante.....	19
Notas metodológicas.....	19

Prólogo

A crescente aceitação de ideologias e subjetividades político-sociais conservadoras ou de extrema direita entre as faixas etárias mais jovens é um fenômeno global, compartilhada por muitos países e sociedades democráticas, especialmente nos EUA, na América Latina e na Europa. Mas, embora seja surpresa para alguns atores políticos, isso não caiu do céu de repente — é impulsionado por discursos e campanhas amplificadas estrategicamente em plataformas digitais e redes sociais já há alguns anos. Embora esse fenômeno se insira em diferentes contextos político-históricos com todas as suas particularidades, ele tem uma dimensão em comum nos processos de construção das autopercepções de masculinidade, marcados por épocas de mudanças aceleradas e crises múltiplas, e por futuros coletivos e individuais incertos.

O presente estudo de Esther Solano, Pablo Romá, Cecilia Feijoo e Guido Bonano aprofunda-se em uma das transformações mais significativas e complexas do cenário político e cultural argentino recente: a configuração das identidades juvenis masculinas marcadas por esses fenômenos, a ascensão de novas forças de direita e, em particular, pela figura política de Javier Milei. Longe de reduzir o fenômeno a uma explicação meramente eleitoral, a pesquisa propõe uma visão mais profunda e complexa, focada nas dimensões emocionais, afetivas e biográficas que estruturam a adesão de um segmento específico de jovens do sexo masculino a discursos libertários e antifeministas.

A partir de um trabalho de campo qualitativo realizado em diferentes espaços urbanos e regiões do país, o estudo reconstrói as experiências, frustrações, medos e anseios autopercebidos que dão forma a essa subjetividade emergente. Em um contexto de precarização econômica, incerteza laboral e mudanças aceleradas nas estruturas de gênero, muitos desses jovens processam seu mal-estar por meio de narrativas oferecidas deliberadamente, que combinam nostalgia pela família tradicional, idealização de papéis de gênero definidos e rechaço aos avanços do feminismo – embora este trabalho também revele certas nuances surpreendentes.

A análise nos convida a compreender os processos de identificação política que articulam emoções individuais com discursos públicos. Nessa interseção entre crise material, disputas culturais e ecossistemas digitais de socialização, configura-se uma sensibilidade geracional para a qual, especialmente as forças democráticas e progressistas, precisam buscar, finalmente, e com urgência e clareza estratégica, uma resposta política sólida, coerente e convincente.

*Michael Alvarez Kalverkamp
Diretor da
Fundação Heinrich Böll,
Escritório de Buenos Aires*

Entre a nostalgia reacionária e a fragilidade econômica: os significados da masculinidade entre os jovens eleitores de Javier Milei

Esther Solano - Pablo Romá - Cecilia Feijoo - Guido Bonano¹

Os “discursos de ódio” contra os feminismos e os progressismos promovidos pelas novas direitas têm como objetivo político central dismantlar todo o sistema de direitos de proteção do que resta dos estados de bem-estar social após a ofensiva neoliberal dos anos 1990. Esses sistemas de proteção estatal são identificados como “o woke” nos EUA de Trump e com o peronismo e a “justiça social” na Argentina de Milei. O objetivo final dessa ofensiva é quebrar toda resistência política que se oponha aos objetivos econômicos e políticos dos setores mais agressivos do capital do Norte Global.

O avanço dos chamados direitos de segunda geração e sua difusão na América Latina – com o movimento “Ni una Menos” contra os feminicídios, a “Ola Verde” que conquistou o direito ao aborto e a aprovação da lei do casamento igualitário em vários países do continente – constituem um dos principais alvos de ataque desses discursos das novas direitas, que tem Milei e a Argentina como vanguarda. A estratégia não é apenas dismantlar esses direitos, mas unir esse processo ao dismantlamento das políticas de cuidado e proteção social. Esse processo pressupõe a “reforma” e a “modernização”

do que resta do estado de bem-estar: a reforma trabalhista, a reforma previdenciária, o processo de privatizações e as concessões ao grande capital financeiro, em uma disputa pelos recursos que opõe as lógicas distributivas do Estado à acumulação privada. Daí a agressividade desses discursos.

Uma sucessão de fracassos governamentais, um mundo em guerra, a recente pandemia, o fenômeno da inflação e a carestia da vida levam os setores mais pobres e a juventude a sentimentos de frustração e ódio, que vão sendo amplificados pela polarização política. Essa frustração é habilmente canalizada pelas novas direitas por meio da ilusão de um retorno à masculinidade tradicional.

As correntes conservadoras e reacionárias se baseiam em duas ilusões fundamentais. A primeira é a nostalgia por um passado em que a família reprodutiva e feliz era a base do progresso e do desenvolvimento pessoal. Uma narrativa que muitas vezes se constrói a partir da memória familiar dos pais e avós. A segunda ilusão, de natureza sexual, baseia-se no consumo e nos imaginários da pornografia, que apresenta uma sexualidade eficaz e prazerosa, alheia às complexidades das

1 - Esther Solano: é doutora em Sociologia pela Universidade Complutense de Madri e professora da Universidade Federal de São Paulo, no Brasil.

- Pablo Romá: é formado em Sociologia pela UNLP e diretor da Circuitos Consultora.

- Cecilia Feijoo: é mestre em Pesquisa em Ciências Sociais pela UBA e professora da Faculdade de Ciências Sociais da UBA.

- Guido Bonano: é formado em Sociologia e doutorando do CONICET no Instituto Gino Germani da UBA.

experiências reais. Assim, os imperativos de procriar e ter prazer se fundem e se enquadram em um único formato cultural que busca reverter o contraditório e desigual processo emancipatório das mulheres e das dissidências sexuais — processo esse que não é o mesmo, dependendo da classe social, da etnia ou da região de origem da mulher.

A resposta que propõem é o masculinismo, uma rebiologização dos gêneros e uma revalorização da masculinidade hegemônica e normativa diante de uma suposta “feminização da sociedade” impulsionada pelas agendas progressistas e pelos feminismos. Essa ideologia masculinista tenta re-subalternizar as mulheres, confinando-as às tarefas domésticas e de cuidado, invisibilizar e violentar as dissidências sexuais e, também, subjugar outros homens que não compartilhem do modelo tradicional ou hegemônico.

O colapso de um mundo que não garante a automaticidade desse ideal masculino gera um **ressentimento** que as novas direitas amplificam e canalizam. Partindo da premissa de que o progresso individual só é possível privando de direitos outros subalternos — mulheres, imigrantes, dissidências sexuais, minorias étnicas ou religiosas —, esses discursos das novas direitas constroem **um programa político agressivo**. Daí a veemência dos discursos de ódio e a crueldade para com setores oprimidos e vulneráveis.

Paradoxalmente, esse programa acaba privando de direitos os próprios homens dos setores populares e de classe média que diz representar, sob a falsa promessa de progresso por meio da restauração de uma norma de gênero já ultrapassada.

O masculinismo como geopolítica das direitas

A ideologia masculinista tem **suas origens históricas** no final do século XIX, quando surgiram grupos organizados que se opunham ativamente ao sufrágio feminino. Entre esses grupos, destaca-se o escritor britânico Ernest Belfort-Bax e seu livro “A Fraude do Feminismo”, de 1913. No século XX, após a conquista do voto, as lutas pelos direitos reprodutivos e de gênero reorientaram o masculinismo contra esses direitos. Por exemplo, o politólogo e ativista Warren Farrell, em seu livro “O mito do poder masculino”, de 1993, buscava desmontar a ideia de uma dominação masculina.

Ainda que as raízes do masculinismo possam ser encontradas nesses círculos políticos e acadêmicos, o **início de sua disseminação** remonta ao final da década de 1980 por meio da deep web, embora a centralidade e a amplificação de seus discursos sejam relativamente recentes. O ativismo masculinista experimenta um crescimento no século XXI intimamente ligado ao ciberativismo e à apropriação de plataformas como as redes sociais a partir de 2010. Esse fenômeno online foi denominado *manosfera* e está ligado ao crescimento das extremas direitas e aos atores neoconservadores. Os discursos masculinistas são globalizados como parte das engrenagens da **batalha cultural** das novas direitas. É nessa amplificação discursiva que emergem figuras como Tommy Robinson na Inglaterra, Nick Fuentes e o recentemente assassinado Charlie Kirk, nos EUA, e figuras como Agustín Laje e Nicolás Márquez, na Argentina.

O masculinismo **retroalimenta** o crescimento e a consolidação da direita radical. Há dez anos, o fenômeno era, se não marginal, pelo menos minoritário. Donald Trump, com seu “America First”, venceu as eleições em 2016 e deu início a uma avalanche política: Bolsonaro eleito no Brasil, em 2018; Bukele em El Salvador, em 2019 e reeleito em 2024; Orbán e seu iliberalismo húngaro, embora já estivesse no poder, foi reeleito em 2018 e 2022; Meloni na Itália em 2022, entre outros. Essa tendência global, que não foi contrariada pelo interregno do governo de Joe Biden, teve seu paralelo na Argentina com a eleição do liberal-libertário Javier Milei, em 2023. A nova vitória de Trump, contundente, sem dúvida, e o início de seu segundo mandato em 2025 não fizeram senão potencializar esse processo.

A tal ponto que, apesar das marcantes diferenças entre os líderes da extrema direita, o

apoio e a coordenação global ficam evidentes em eventos de grande porte, como a CPAC (Conferência Política de Ação Conservadora), da qual participam presidentes, primeiros-ministros, deputados e senadores de diversos países. Sob a liderança do próprio Trump, de JD Vance e de Steve Bannon, as edições de 2024 e 2025 contaram com a presença do presidente Javier Milei. O recente resgate do Tesouro dos EUA por meio de um swap de moedas, liderado por Scott Bessent, e o novo acordo com o FMI concedido ao país neste mesmo ano, não se explicam sem a construção prévia de uma rede de apoios da direita norte-americana e seus motivos geopolíticos, comerciais e ideológicos para concretizar rapidamente a assistência financeira. A presença de uma **geopolítica das direitas** tem, assim, a Argentina como zona de experimentação.

O ideal reacionário de “reestruturar” uma ordem de gênero em crise

Na Argentina, Javier Milei canaliza esses descontentamentos e angústias dos jovens do sexo masculino das classes média, baixa e popular. Os discursos da extrema direita apresentam o feminismo e as políticas progressistas do Estado como o principal obstáculo para alcançar uma verdadeira liberdade. Ao serem identificados pelos feminismos como privilegiados do sistema patriarcal, esses homens são questionados sobre privilégios que não (auto)percebem. Pelo contrário, os jovens não se sentem particularmente favorecidos, mas sim precarizados pelo sistema econômico e estatal, e ameaçados pelos feminismos.

Diante desse cenário, Milei oferece a eles a restauração de uma **dupla ordem**: a promessa de **estabilidade econômica** e acesso aos consumos globais de um “capitalismo normal” e algo de importância significativa: **um lugar seguro** a partir do qual se posicionar em meio a uma forte crise e à reconfiguração das ordens de gênero das primeiras décadas do século XXI – que teve a Argentina como um de seus centros neurais. Os “discursos de ódio”, as políticas de ressentimento e **rebelião** contra esse processo estão no centro das disputas políticas e culturais que têm os jovens como protagonistas. Nesse cenário, a direita reformula as reivindicações desses jovens do sexo masculino e as canaliza para programas políticos agressivos.

O programa político das novas direitas **se sustenta em uma oposição identitária**. A exaltação “identitária” do homem e os modelos hegemônicos de masculinidade funcionam, na realidade, como uma **estratégia para impor um programa político agressivo** que visa beneficiar os setores dominantes, tanto locais quanto do Norte global. Diante da denúncia dos feminismos que apontaram para uma desigualdade estrutural real, esses “identitarismos de direita” operam por meio de uma inversão discursiva: a vitimização masculina. Por meio desse recurso, conseguem canalizar o descontentamento social para programas conservadores e reacionários que, em essência, não pretendem nem podem resolver os sofrimentos genuínos dos setores populares e de classe média.

Ser homem como “identidade em sofrimento”

Um ecossistema discursivo específico tem se dedicado a **construir o homem como vítima** de um sistema social que, supostamente, tende à “feminização da sociedade”. Esse papel de vítima é articulado por meio da divulgação de “casos reais” de injustiça contra homens e chefes de família. A isso se soma a ideia de um “mercado sexual” que os coisifica e marginaliza, e a ideia de que eles não são livres para expressar desejos e opiniões por medo de serem cancelados pela sociedade. A partir dessa perspectiva, **a destruição da família** é uma consequência direta dessa perda de poder masculino, apontando a queda da taxa de natalidade como um sintoma evidente e científico do “desequilíbrio” de poder entre os gêneros.

Por outro lado, as mudanças nos desejos e na busca por autonomia das mulheres, as tendências que impulsionam o consumo cultural e

que enfatizam o progresso por meio do esforço e do mérito individual entram no campo da construção de novas subjetividades – viralizadas por meio de milhares de imagens, memes e *reels* nas redes sociais. Os jovens do sexo masculino entram nessas disputas simbólicas como protagonistas indesejados e com a sensação de serem “alvo de ataques”. A resposta desses homens jovens se processa por meio do **isolamento e do sofrimento** individual e coletivo. É nesse processo que se potencializam os discursos misóginos e antifeministas da extrema direita, que oferecem a esses homens jovens a **inversão retórica**: transformá-los em vítimas de uma sociedade supostamente dominada pelas mulheres.

Há uma **confusão constante** sobre quem questiona o lugar de cada um em relação ao gênero: se são as feministas ou as mulheres em geral, e a culpa oscila entre umas e outras. Esses jovens reconhecem que as mulheres conquistaram protagonismo, liberdade e possibilidades de realizar seus desejos, e que, em parte, esse avanço foi alcançado a partir do retrocesso que eles sofrem e enfrentam. Daí que os discursos de ódio e ressentimento lhes oferecem uma saída fácil diante de seus sofrimentos atuais.

A **lógica do confronto e do ressentimento** domina os homens jovens mais radicalizados, que apontam as mulheres em geral, “porque todos sabemos que são as mulheres que escolhem e nós não temos o luxo de escolher”. Já os jovens que valorizam a liberdade conquistada pelas mulheres concentram seus ataques nas **retóricas políticas antifeministas**.

Os depoimentos desses jovens retratam um presente vivido como **sofrimento** e que eles definem através do “medo” de serem apontados como agressores e abusadores por uma mulher; de se saberem protagonistas de um momento “complexo” no qual não sabem como agir e o que dizer quando querem interagir com mulheres e pessoas dissidentes; que percebem que é “difícil” mostrar-se como são e ser autênticos, que se colocam em uma posição de “vulnerabilidade” porque sua palavra não tem o “mesmo peso” que a de uma mulher, caso ocorra uma situação “hostil” contra eles; de se sentirem “inseguros” porque existem

sinais contraditórios da sociedade em relação ao que se espera deles; que, diante da quietude e do silêncio a que se submetem, podem ser acusados de serem “princesinhos” por se recusarem a se arriscar ou de serem “expostos” nas redes sociais ou em seu círculo de amigos. Assim, seus **relacionamentos sexuais e afetivos** estão no centro de suas preocupações.

Se estou caminhando atrás de uma garota, o que faço é me abaixar para amarrar os cadarços, para que ela siga em frente e não pense que a estou assediando ou coisas do tipo. Às vezes, mudo de calçada para que ela não pense que a estou seguindo. Estou constantemente em alerta (grupo 8, 25 anos, La Matanza – Província de Buenos Aires, vendedor).

Sofri uma situação de assédio por parte de uma amiga na escola. Foi muito difícil, ninguém acreditou em mim, nem meus pais. Desde então, tenho muito medo. Elas se aproveitam dessas coisas. Minha palavra não tem nenhum valor, parece que só existe a palavra da mulher (grupo 6, 18 anos, Córdoba Capital, estudante).

O colapso do ideal do “homem-provedor”: fragilização socioeconômica e competição no mercado de trabalho

A sensação de estar em **areia movediça** e de “não saber para onde atirar” é intensificada entre os homens das classes populares – especialmente entre aqueles que vivem em regiões economicamente marginalizadas – devido ao agravamento das condições materiais de vida. A impossibilidade de ter acesso a uma moradia própria, a um carro ou, inclusive, a uma moto e aos bens de consumo desejados aumenta a frustração e o ressentimento desses jovens. Além disso, as dificuldades para consolidar um projeto de vida os colocam em uma posição de **fragilidade** diante das expectativas que têm de si mesmos como “homens provedores”.

A estagnação do crescimento econômico e os contextos em constante mudança, que impedem o acesso a

um emprego e uma renda à altura de suas expectativas os levam a fazer esforços extremos para alcançá-los: privar-se de sair e gastar, economizar para comprar um carro “velho” ou uma moto, ter que morar com os pais, entre outras coisas. A fragilidade das estruturas econômicas os leva a identificar nas mulheres **uma concorrência por vagas de trabalho**. Nessa competição profissional entre jovens que estão iniciando o caminho da autonomia econômica, eles afirmam que as mulheres contam com certa “vantagem”, em particular, ligada a alguns setores como gastronomia, hotelaria ou outros serviços de atendimento ao público.

A cota de contratação para mulheres e para pessoas trans¹, sob essa perspectiva, é vista como um direito injusto concedido às mulheres que conseguem empregos **não por mérito**, mas pelo simples fato de serem mulheres. Surge a ideia de que até mesmo as empresas optam por contratar mulheres porque “são mais simpáticas” ou porque têm “um rosto bonito”, em detrimento dos homens que se consideram **igualmente capacitados** para cargos no comércio, em um posto de gasolina ou no atendimento ao cliente. Todo o discurso sobre sacrifício, esforço e mérito individual promovido por essas novas direitas é reforçado por meio dessa confrontação e competição contra as mulheres e as dissidências sexuais.

No âmbito das relações sexuais e afetivas, surge a imagem de que as mulheres “estão em um pedestal” e exigem bens simbólicos e materiais que os homens das classes populares ainda não possuem – como boa aparência, carro, dinheiro para pagar saídas e um status de sucesso que eles não conseguem alcançar. As redes sociais, ao multiplicarem esse imaginário do homem bem-sucedido, oferecem às mulheres algo que eles não conseguem proporcionar. Diante dessas exigências, esses homens contrapõem valores não objetificados, como gentileza, respeito e fidelidade, reivindicando **uma masculinidade baseada na simplicidade e no afeto**.

Para mim, ser um homem de verdade é deixar descendentes. É isso e sustentar a família.

Formar uma família. E sustentar seria, sei lá, ter a minha casa. Ter a minha casa, o meu trabalho. E, bem, que minha esposa esteja lá em casa, cuidando dos meus filhos (grupo 7, 20 anos, Santiago del

¹ Desde 2021 há normas e políticas públicas na Argentina que estabelecem cotas e medidas afirmativas para pessoas travestis, transexuais e trans no emprego público, e várias províncias e municípios também têm suas próprias leis e programas de cota para o setor público e/ou programas de inserção no setor privado.

- Em nível nacional há a “Ley de Promoción del Acceso al Empleo Formal para Personas Travestis, Transexuales y Transgénero — Diana Sacayán / Lohana Berkins” (Ley N°

27.636) que estabelece uma cota mínima de 1% na Administración Pública Nacional. argentina.gob.ar

- Leis estaduais/locais: várias estados e municípios também têm leis, decretos ou registros próprios (por exemplo, Província de Buenos Aires — Ley N° 14.783 “Diana Sacayán”, que fixa 1% no âmbito provincial; Chubut tem uma lei com piso de 0,5%). A adesão e o grau de implementação variam por jurisdição.

Estero, estudante e comerciante).

Somos sobreviventes, trabalhamos em qualquer coisa, arregaçamos as mangas, é isso que nós, homens, fazemos, porque somos mais fortes e podemos enfrentar contextos adversos como os que estamos vivendo (grupo 8, 22 anos, Tucumán capital, empreendedor).

Houve uma seleção para um cargo na prefeitura e contrataram uma garota. Todos achamos que a contrataram porque ela é bonita. O sistema hoje funciona assim (grupo 5, 24 anos, interior de Tucumán, estudante e electricista).

A nostalgia como resposta: a família tradicional

A queda da taxa de natalidade em parte importante do mundo, o que a direita chama de “a grande substituição” nos países com alta imigração, **alimenta os temores** de extinção dos “brancos”, das “pessoas de bem” e da “civilização ocidental”. A nova direita culpa as mulheres enquanto **ataca e desmantela** todo o sistema de cuidados e apoio à maternidade – por exemplo na Argentina, reformas que desmantelam as creches nos órgãos do Estado ou o ataque ao Hospital Garrahan impulsionado por Milei.

Enquanto atacam os orçamentos estaduais que sustentam os sistemas de assistência e apoio à maternidade, as forças de direita propõem, em seu programa, o retorno à família tradicional. Esse retorno implica que a mulher volte a se dedicar às tarefas domésticas, à procriação e aos cuidados com os filhos. A imagem da “*trad wife*” (*esposa tradicional*) que viralizou nas redes sociais reaviva a ideia de que esse deve ser um lugar desejado, não apenas pelos homens, mas fundamentalmente pelas mulheres. Um retorno voluntário das mulheres.

Assim, quando os jovens mais conservadores voltam o olhar para o passado, contemplam com nostalgia um mundo perdido que permitia que, na mesma idade, seus pais e avós tivessem constituído uma **família**, encontrado um parceiro e tido filhos, e alcançado uma estabilidade material que,

para eles, se projeta para um futuro incerto e distante.

Na minha idade, meu pai já tinha sua casa. O difícil na minha idade é garantir o lado material antes da família. Estou economizando para comprar um terreno, ter meu próprio lugar e ter a certeza de um projeto de vida. Hoje há muita incerteza; trabalhamos, nos esforçamos muito, mas as coisas estão muito caras (grupo 5, 25 anos, San Salvador de Jujuy, lavador de copos).

Os depoimentos mostram a saudade do retorno a uma masculinidade tradicional, afirmando que o lugar natural da mulher é o lar e a família. Eles sustentam que hoje se exige do homem, além de trabalhar e prover, que ele cuide das tarefas domésticas, o que o coloca em uma posição de maior exigência em comparação com as responsabilidades que as mulheres assumem.

O modelo de família que representam é o “tradicional”, com papéis de gênero bem definidos e rígidos. O homem é o principal provedor; seu papel principal é trabalhar, sustentar a família e ser o pilar do lar. A mulher, por sua vez, deve cuidar da casa e dos filhos. Seu papel é “cuidar dos meus filhos”, “limpar, cozinhar” e “saber fazer as tarefas domésticas”. O modelo de mulher, para os grupos mais jovens, é explícito: geralmente é a própria mãe, por ser quem cumpre (ou cumpriu) esse papel tradicional.

Esse **sentimento nostálgico** lhes proporciona um quadro de valorização pessoal diante de um mundo que, aos seus olhos, está desmoronando. Eles constroem uma oposição binária constante entre homem e mulher, argumentando que as expectativas dos homens são mais simples e diretas na hora de estabelecer um vínculo afetivo. Segundo seus depoimentos, eles se contentam com uma “mulher que esteja com eles nos momentos bons e ruins”, enquanto elas exigem um modelo de homem inatingível e exigem “total subordinação”.

Elas exigem mil coisas, como mencionei anteriormente, como ter uma boa quantia de dinheiro. Hoje em dia, para que uma mulher aceite sair com você, você precisa, no mínimo, levá-la a algum lugar caro.

Para causar uma boa impressão. Você tem que ter formação, boa aparência, ser alto, ter um bom físico, ter carro, ter moto, levá-la a um lugar, um restaurante, não levá-la para comer um cachorro-quente, por assim dizer. Ou seja, as mulheres, se você quiser conquistá-las de alguma forma, chamar a atenção delas, você precisa ter um grande, grande valor (grupo 1, 22 anos, Santiago del Estero, ensino médio incompleto).

Quando se questiona esses homens sobre o vínculo real com outras mulheres no trabalho, nos locais de estudo ou no bairro, surge o medo de serem cancelados e rejeitados caso expressem suas opiniões sobre as mulheres. Assim, entra em seu campo subjetivo outra inversão dos discursos da extrema direita: a luta contra a chamada “**política do cancelamento**”, que esteve em disputa no surgimento dos movimentos feministas com o *Me Too* e suas diversas expressões locais – forte, sobretudo, entre os setores punitivistas dos feminismos. Essa **rejeição e rebelião contra a “política do cancelamento”** é usada pela direita para dinamizar a ideia de serem “livres” para expressar abertamente suas ideias sobre as mulheres e se emancipar do medo de serem expostos, cancelados ou demitidos, caso façam ou digam o que pensam.

Já não dá mais para expressar opiniões como antes; antigamente, a gente tinha mais liberdade, como na época do meu pai ou do meu avô, aquela voz que eles tinham. A mulher, eu acho que ela tem que ficar em casa, cuidando dos filhos, e o homem, provendo o sustento (grupo 1, 24 anos, Tucumán, estudante e motorista de Didi-Uber).

Eu também venho de uma família muito tradicional, católica, e, na verdade, também acho que esse é o modelo correto de conduzir uma família: uma família tradicional, com pai, mãe e filhos, com papéis bem definidos (grupo 3, 24 anos, natural de Salta Capital, mora em Avellaneda - PBA, ensino superior completo, funcionário administrativo).

Acho que o homem trabalha, traz dinheiro, comida e o necessário para a casa, e a mulher (tem que) cuidar dos filhos, passar roupa (grupo 4, 18 anos, Córdoba, estudante do ensino médio).

Muitos costumes se flexibilizaram e isso tem coisas boas e ruins. O bom é que agora você pode escolher mais livremente sua sexualidade, mas o ruim é essa ideia de dividir as tarefas domésticas, que eu acho que nos torna mais molengas, mais mimados (grupo 7, 22 anos, Província de Buenos Aires, barbeiro).

Antes, o casal era para toda a vida e agora, para a mulher, é mais fácil fugir. Antes, você se jogava na frente das balas. Agora as garotas vão embora; antes elas aguentavam e ficavam até o parceiro morrer. Agora, se você se separar, tem que pagar metade, e a mulher não tem essa obrigação, e isso me parece errado (grupo 3B, 21 anos, Santa Fé, entregador).

Vias de fuga

Esses jovens constroem espaços de discussão individuais e coletivos nos quais expressam sofrimentos, emoções e sentimentos. Mas as vias de fuga que constroem tendem, muitas vezes, a **reforçar o isolamento e os discursos da direita masculinista**.

A primeira via é o solilóquio: os jovens analisam sozinhos o que lhes causa angústia, culpa ou dor, como um rompimento amoroso ou um conflito pessoal. Os grupos de amigos evitam abordar esses temas por meio do diálogo. Em vez disso, surge o apoio mútuo, a companhia, mas não a palavra. A incapacidade de enfrentar essas situações por meio da palavra está associada à (auto)exigência de demonstrar força e autocontrole como homens. Apenas uma minoria recorre a alguma terapia psicológica. São estratégias que consolidam a confusão e o isolamento.

A vida dupla constitui outra saída frequente. Eles sentem que não podem expressar opiniões sobre as mudanças que as normas de gênero estão lhes impondo. A experiência de rejeição e condenação por parte das mulheres, o medo da divulgação de suas opiniões devido a possíveis “protestos públicos”, reforçam comportamentos paranóicos e a sensação de serem perseguidos e silenciados pelo “sistema”. Em espaços progressistas ou feminizados, eles adotam

, para se desenrolarem, uma vida dupla calculada na qual coexistem seu “eu autêntico silenciado” e seu “eu adaptado” a esses espaços, condição necessária para se integrarem e sobreviverem.

A válvula de escape mais comum é o mundo virtual e as redes sociais, que lhes oferecem posições masculinistas extremas, a chamada “*direitista*”. Esse mundo virtual canaliza inquietudes e reflexões, criando um espaço onde eles não se sentem julgados. Eles fazem isso por meio de vídeos, fóruns e grupos do WhatsApp, nos quais compartilham materiais. O “discurso de ódio” de muitos desses *influenciadores* é visto como expressão de coragem e autenticidade; eles valorizam a “coragem” de poder expressar opiniões e transmitir o que pensam. Esses discursos afirmativos proporcionam segurança diante de um mundo que consideram incerto. Além disso, encontram nesses *influenciadores* uma mensagem de autoajuda que os incentiva a valorizar o fato de serem homens diante das críticas e ataques que a *direita* reproduz contra o feminismo e as mulheres.

Isso acontece comigo na faculdade de psicologia, porque a grande maioria são mulheres, acho que 90%. Por isso, sou obrigado a interagir bastante com elas. Então, a gente precisa ter confiança para tratá-las de igual para igual, mas também tenho que estar sempre em alerta, porque não posso dar minha opinião nem fazer comentários, não posso me expressar livremente, pois, na melhor das hipóteses, a coisa fica por aí, e na pior, posso ser expulso (grupo 6, 22 anos, La Rioja, estudante universitário e funcionário).

A verdade é que, quando estou triste ou algo ruim acontece comigo, não me sinto seguro para contar aos outros, seja um amigo ou uma amiga; eu me tranco no meu quarto e tento desabafar de alguma forma, para que ninguém me ouça, ou tento ficar sozinho para que ninguém fique sabendo de nada, digamos, porque já aconteceu comigo [...] por aí, quando me veem emocionalmente vulnerável, é como se surgissem as críticas dos outros, tipo “olha só o medroso chorando” ou “olha só aquele idiota”, coisas assim, digamos (grupo 3, 23 anos, CABA, trabalhador precário).

O fantasma do macho alfa

Nos depoimentos desses jovens, percebe-se uma relação ambígua com os símbolos que cercam a figura do “macho alfa” criada pela “machosfera”. Esse é o termo que eles mais conhecem, interpretam e discutem, entre os que circulam nas redes sociais para definir um sistema de hierarquias — macho alfa, beta, gama e sigma — introduzido pelos *influenciadores* da direita masculinista.

O macho alfa funciona simultaneamente como uma **figura prototípica do homem de sucesso**, tanto por suas características físicas – alto, musculoso e branco – quanto simbólicas – possui dinheiro e tem acesso às melhores mulheres do “mercado”. No entanto, ele também funciona como uma imagem fantasmagórica, pois mantém uma distância da realidade cotidiana e do que se considera um homem de sucesso.

Nos depoimentos surge a ideia de que ele representa um “ideal inatingível”, uma “trivialidade”, um rótulo impossível que circula nas redes sociais, um modelo que “sobretudo as mulheres” escolhem e buscam. Ao mesmo tempo, ele as atrai porque representa um homem que possui autonomia de pensamento, olhar firme e segurança para liderar os outros.

O macho alfa exerce **atração** por seu valor simbólico, mas causa **frustração quando se depara com a realidade cotidiana**. O modelo de homem que eles valorizam pode ser uma figura próxima, como um avô, um pai ou um tio chefe de família que se casou jovem e tem uma família, ou uma figura como Messi, que representa alguém que lutou por seus sonhos e está cercado de afeto familiar.

A importância da **força e da resistência física** é enfatizada nos imaginários masculinos, e é por meio deles que se valorizam a prática de esportes e o hábito de frequentar a academia, seja para “ter mais força”, para “conseguir levantar objetos pesados” ou para lidar com adversidades e pressão emocional. O sentido de ir à academia não tem apenas um valor estético, mas também funcional, especialmente nos esportes de contato e de luta,

ao reforçar o papel do homem como provedor e protetor da mulher – que é mais “fraca” e “tem menos força”. Nessas representações, observa-se uma forte rebiologização do gênero.

É o homem hegemônico, é quem as mulheres procuram: gringos altos e com dinheiro. Isso acontece porque as mulheres buscam o superficial, buscam o status, querem se encaixar em um círculo social. Porque se as mulheres estiverem com um baixinho e moreno, como somos a maioria, todas vão questionar por que ela está com uma pessoa assim (grupo 6, 18 anos, Córdoba Capital, estudante).

É como um líder, e bem, é como se o admirassem porque tem as coisas que os outros querem. E não sei, ter uma mulher, ter um bom emprego, ter um regime de treinamento militar, como o Messi lá! [...] Por outro lado, a capacidade de ser forte, um homem forte, capitão. Vamos lá, musculoso também, não é? (grupo 7, 20 anos, Santiago del Estero, estudante e comerciante).

É, sim, eu também me interessava bastante pelo mundo da academia e estou bem envolvido com o tema do treino e do aperfeiçoamento no fisiculturismo [...] E agora estou seguindo um método chamado Heavy Duty, que consiste em treinar quatro vezes por semana, uma hora por dia (grupo 4, 19 anos, Escobar, cabeleireiro).

Eu já ouvi falar disso e acho que é uma bobagem da rede social... porque são uma forma de dar nomes a comportamentos que talvez nem sejam isso, ou não sei se realmente correspondem a esses nomes, digamos assim. Ou seja, entende-se, por exemplo, que um macho alfa é aquele que lidera um grupo, que parece mais forte do que os outros, e entendo que são questões de comunicação, que existem linguagens comunicativas que dão a entender essas coisas, digamos, porque essas dinâmicas se geram em um grupo. Mas me parece que dar nomes como macho alfa ou macho beta é como criar uma ideia muito simplista, por assim dizer (grupo 1, 21 anos, San Miguel de Tucumán, ensino superior incompleto).

O feminismo como inimigo

O mileísmo coloca no centro de seus ataques os feminismos, a “onda verde” e o movimento das dissidências sexuais, que, aos seus olhos, constituem uma “ameaça direta” ao modelo tradicional de masculinidade que pretendem restaurar. Como já mencionamos, por trás desse ataque está um programa político agressivo que visa desmantelar os direitos consolidados do Estado de Bem-Estar Social.

Diante desses discursos agressivos contra o feminismo, os jovens mileinistas adotam duas atitudes. Por um lado, há um setor **conservador e reacionário**, que olha para o passado e anseia pelo restabelecimento da antiga ordem de gênero. Esse setor é constatado sobretudo no interior do país e nas pequenas cidades. Por outro lado, os homens dos grandes centros urbanos que, embora **reconheçam a necessidade da busca pela igualdade das mulheres**, apontam que a radicalidade do movimento e suas consequências na vida social resultaram em um forte mal-estar social e na divisão entre os gêneros.

Nos depoimentos desses homens, os feminismos são vistos como **geradores de ódio e polarização**, uma interrupção no diálogo e no consenso que, **em teoria**, teria possibilitado avançar na conquista de uma sociedade mais igualitária. **A ideia de igualdade** é central nesses discursos, sob a premissa de que os feminismos “desordenaram” a sociedade e inclinaram a balança para a opressão, gerando “o mesmo, mas ao contrário”. Interpreta-se que a proposta dos feminismos é “obrigar ou submeter o homem” à mulher. Esses tópicos são reproduzidos constantemente nos discursos de Milei e dos mileistas mais conservadores, como Agustín Laje.

Surge a ideia de que a violência dos métodos empregados por setores do feminismo para impor suas demandas evidencia o caráter incorreto de suas propostas. Imagens repetidas de marchas agressivas, violência contra igrejas e símbolos religiosos, bem como a **utilização política e instrumental** do

movimento por parte do kirchnerismo. Nesse contexto discursivo, a violência dos “discursos de ódio” dos influenciadores da machosfera é valorizada como um gesto de coragem e firmeza que supostamente visaria o diálogo e o consenso, enquanto constantemente atribuem a violência ao lado dos feminismos e dos partidos políticos que expressaram ou adotaram parte de suas reivindicações, como o kirchnerismo e a esquerda.

Além disso, o mais hipócrita é que acho que dá para dizer que elas ficam com raiva ou culpam o machismo, mas o feminismo é a mesma coisa, só que ao contrário. Elas querem obrigar ou subjugar o homem (grupo 3, 23 anos, Cidade de Buenos Aires, trabalhador temporário).

O feminismo destruiu o valor do homem na sociedade, por assim dizer, porque fala de coisas que, por aí, nem sempre são verdadeiras para muitos homens. Por exemplo, que um homem bata em uma mulher; por aí, há homens que não fazem isso e respeitam a mulher por ela ser frágil (grupo 4, 18 anos, Córdoba, estudante do ensino médio).

Para mim, acima de tudo, é um problema político promovido principalmente pelo kirchnerismo em geral. Ou seja, porque antes não se dava muita importância a isso, a verdade é que era como se fosse uma minoria que estava lá e pronto. Mas hoje, quer dizer, para mim também é preciso respeitá-los, mas não promovê-lo, não. E foi isso que fizeram, promoveram, tudo para conseguir mais um voto das mulheres (grupo 8, 25 anos, La Matanza, ensino médio incompleto, vendedor).

A rejeição às políticas de gênero: entre a discriminação e a ineficácia

As políticas de gênero impulsionadas nas agendas governamentais na Argentina entre 2006 e 2023 são rejeitadas por esses jovens. Eles as consideram discriminatórias, em relação aos homens, e ineficazes na hora de atingir seus objetivos

declarados.

Eles argumentam que, ao atacar a igualdade de gênero e privilegiar as mulheres, essas políticas criaram um clima de falsas acusações, extorsões e manipulações, gerando em muitos homens o medo de serem expostos publicamente sem provas. O medo de ser falsamente acusado é um dos principais motivos por trás de sua rejeição ao feminismo.

O argumento da ineficácia de políticas como o Ministério da Mulher e o apoio à diversidade sexual é repetido como forma de legitimar o desmantelamento dessas políticas. Por serem ineficazes, representam um gasto inútil de dinheiro público. Para corroborar sua ineficácia, o argumento é que aumentam os feminicídios e os casos de estupro. A “eficácia” é uma arma que valida a rejeição às políticas progressistas e o apoio à política de desmantelamento de Milei.

Mas, no fim das contas, estamos falando de um homicídio e precisamos fazer com que o responsável pague por isso. Todo o processo legal deve ser conduzido com igualdade de direitos e condições. É um homicídio, não importa o gênero, e as penas que o autor do crime deve cumprir são as mesmas (grupo 6, 22 anos, La Rioja, estudante de psicologia e funcionário de loja).

Desde que (as denúncias) sejam verdadeiras, acho perfeito, mas às vezes muitos homens acabam na cadeia, por assim dizer, por causa de denúncias falsas. E quando os homens vão fazer a denúncia, lá fora não dão bola para eles porque não acreditam neles. Isso, para mim, é violência de gênero, o que o feminismo faz (grupo 8, 20 anos, Mendoza, atendente de supermercado).

Para mim, está perfeito o que está sendo feito atualmente. Ou seja, dizer que o feminismo foi político, acabar com o Ministério da Mulher porque não serviu para nada. No fim das contas, as mulheres continuavam sendo mortas e ninguém fazia nada. Era só para roubar dinheiro, nada mais (grupo 2, 24 anos, Caseros - Santa Fé, entregador)

Aceitação parcial: entre a ESI e o aborto

Diante da rejeição geral, duas políticas recebem aceitação parcial, embora matizada: a Educação Sexual Integral (ESI), em vigor desde 2006, e o aborto legal, seguro e gratuito, lei aprovada no final de 2020, apenas em alguns casos.

Dos depoimentos emerge o apoio à ESI, que é valorizada por abordar temas como o desenvolvimento do corpo, métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, embora haja reservas em relação à “imposição de uma linha oficial” ou à promoção da cultura identitária e travesti-trans, com a qual não concordam.

Em relação ao aborto, levantam-se questões sobre em que situações esse direito deve ser aplicado. Há concordância em casos de estupro e abuso, mas apenas em alguns depoimentos esse direito é estendido à gravidez indesejada. Assim como em outros estudos em ambientes conservadores, questiona-se seu uso indiscriminado ou como substituto dos métodos contraceptivos.

A visão sobre o aborto é marcada por tensões em torno da **responsabilidade individual**, da necessidade de se proteger nas relações sexuais e da complexidade da realidade social que exige que eles sejam provedores e protetores.

Para mim, isso é bom porque, quer dizer, muitas vezes os pais, por assim dizer, não educam os filhos ou talvez tenham vergonha de falar sobre isso. Por exemplo, os jovens também sentem vergonha de perguntar aos pais. Então, é bom que isso seja ensinado nas escolas (grupo 4, 19 anos, Florencio Varela - PBA, estudante)

A educação sexual integral, pra mim parece certo que se aborde tudo o que ela ensina, o que é um tema dos cuidados. Mas não a imposição de normas. Quer dizer, por exemplo, impor tudo o que seria a cultura trans e outras coisas em pessoas que ainda não estão completamente desenvolvidas, porque estamos falando do ensino médio e

ensino fundamental também, digo isso especialmente no ensino fundamental. É preciso aceitar que nessa idade, nós já passamos por isso e sabemos que não somos ou não fomos as pessoas mais sensatas do mundo. Ninguém nessa idade está completamente no seu juízo perfeito (grupo 6, 21 anos, La Matanza, estudante e designer gráfico).

Bem, o aborto é um assunto muito complexo, mas, em geral, não concordo. Porque ninguém tem o direito de decidir sobre a vida de outra pessoa. Porque a vida começa na célula, digamos assim. Mas há casos diferentes, digamos, por exemplo, no caso de, sei lá, uma garota que foi estuprada ou engravidou, ficou traumatizada e, por exemplo, não quer ter esse filho, pois isso a faz lembrar do que aconteceu. Nesses casos pode ser, você entende, mas como eu digo, já é muito complexo (grupo 7, 21 anos, Santa Fé, ensino médio incompleto e entregador).

Também não é como se todas as meninas acabassem engravidando; por isso é preciso incentivar bastante o uso de anticoncepcionais e coisas do tipo. Mas acho que, nesse sentido, o aborto veio para o bem em alguns casos, justamente para aquelas meninas que passaram por essa situação e não querem ter o bebê; bem, me parece ótimo que elas o realizem, assim como há garotas que passaram pelas mesmas circunstâncias e chegaram até o fim da gravidez. Nesse sentido, me parece certo (grupo 8, 25 anos, La Matanza, ensino médio incompleto, vendedor).

O ativismo virtual e um ecossistema de influenciadores masculinistas

O masculinismo e o antifeminismo são discursos muito mais difundidos e porosos do que o propriamente político. Jovens do sexo masculino que não se sentem imersos nas vicissitudes do cenário político entram no universo da “esfera dos direitos”, por meio de uma busca sobre o que são e como lidar com seus laços socioafetivos em um cenário incerto e mutável.

Nos depoimentos, quando questionamos sobre os “discursos de ódio” contra mulheres e minorias identitárias, a resposta aponta para um suposto conteúdo lúdico: trata-se de **um jogo do algoritmo**, no qual esses *influenciadores* “exageram”, “radicalizam posições” e “provocam” com afirmações que, na realidade, são apresentadas de forma moderada e visam o diálogo e o consenso social. Eles se sentem atraídos pela *atitude e pela coragem* desses representantes digitais que dizem coisas que “incomodam” e se “posicionam” – enquanto eles ocultam essas posições em seus espaços de convivência, como a escola, a faculdade, o trabalho e até mesmo na família.

Esses influenciadores **se dirigem a eles** como homens que se sentem prejudicados pelo feminismo e pelos políticos da elite, como **Dannan**. Também os orientam em relação aos seus sentimentos como homens e às suas buscas socioafetivas, como o *influenciador* mexicano **El Temach**, que valoriza a autonomia masculina em relação à mulher.

Esse **sistema, organizado** por meio das redes sociais, permite-lhes uma **militância digital** que vai desde a visualização de conteúdos e a interação até a participação em grupos de debate online. Em alguns casos, esse ativismo digital os leva a participar de eventos presenciais. A surpresa, ao avançar nesses círculos de participação, é a presença de mulheres que compartilham de seus discursos masculinistas. É por meio desse sistema interconectado de *influenciadores* da *direita* que surge o que os atrai na figura de Javier Milei.

E valorizar o que significa ser homem por aí. Por exemplo, às vezes vejo alguns vídeos ou trechos de rapazes a quem perguntam: “Ei, cara, minha namorada me deixou por outra pessoa”, e agora a namorada pede para ele voltar e tal, e isso e aquilo, essas coisas, e ele diz a ela que não, não volte, valorize-se como homem, essa mulher não te ama, procure uma mulher que te respeite, que seja fiel a você e coisas assim (grupo 5, 23 anos, San Luis, pedreiro).

Dalas faz “resenhas”, digamos, por exemplo, de outros espanhóis fazendo perguntas a mulheres feministas e, no jargão popular,

as confronta [...] Liga para o número que elas indicam e pergunta: 'Sobre qual assunto vocês querem falar?' E as feministas dizem: 'Ei, por que isso?', 'Por que aquilo?', e ele responde e começa a esclarecê-las" (grupo 5, 21 anos, San Miguel de Tucumán, estudante do ensino superior).

Esses *influenciadores* que abordam temas relacionados ao masculinismo atuam nas áreas da política, do comércio, do esporte e do entretenimento. É interessante observar que muitos desses homens jovens ingressam no mundo das ideias da *direita* por meio de outros temas, como entretenimento, videogames, coaching ou estilo de vida, seguindo um caminho que os leva à direitaosfera. Nesse caminho, se desejarem se aprofundar, encontram **espaços de formação política, econômica e cultural** que podem levar à leitura de artigos e livros, em um sistema integrado para se formarem e buscarem fundamentos que aprofundem suas posições atuais:

- **Dannan** é o mais citado. Embora hoje seja um influenciador afastado do La Libertad Avanza e de Milei, devido a disputas internas no grupo, ele é o principal divulgador de suas ideias. Sempre com jaqueta de couro e penteado à la James Dean, ele impõe um estilo provocador e agressivo. Seus vídeos dirigindo um Falcon verde, em alusão à reivindicação da ditadura militar de 1976, viralizaram. Esses jovens gostam do tipo de questionamento ao "sistema" que ele representa e da forma de "dobrar a aposta" diante dos questionamentos e críticas. Eles gostam que ele aborde temas como o feminismo e o aborto, porque são assuntos que "não são tratados na televisão", embora alguns reconheçam que, às vezes, "ele exagera demais".
- **El Temach** é o segundo mais mencionado. O influenciador mexicano dedica-se a abordar temas relacionados a relações sexuais e afetivas, educação sexual e autoestima masculina. Nesse sentido, seus seguidores apreciam o fato de que

ele aborde temas "que importam para os homens", que busque a valorização masculina, que aconselhe "não implorar às mulheres", nem "colocar as mulheres em um pedestal". Eles se sentem atraídos pela ideia que ele difunde de ser um homem fiel e que se respeita.

- **Agustín Laje** é o nome mais citado no meio dos influenciadores e comunicadores mileinistas, mas também se ouve ou se segue outras figuras, como Manuel Adorni, Gordo Dan e Tipito Enojado. Agustín Laje é conhecido principalmente por sua oposição à legalização do aborto e à noção de violência de gênero. Que a violência "não é inerente ao homem e que a mulher também pode exercê-la" surge como uma das ideias mais difundidas por Laje. Quem entra no mundo dos influenciadores conservadores e da nova direita inicia um caminho de formação e educação que muitas vezes culmina na leitura de artigos e livros, como o mais conhecido de Laje: "O livro negro da esquerda", publicado em 2016.
- No âmbito dos criadores de conteúdo, entretenimento e *estilo de vida*, os entrevistados mencionam **Dalás**, o influenciador e youtuber das Canárias, criador de conteúdo sobre cultura, entretenimento e videogames. Os entrevistados gostam do fato de ele abordar o feminismo, bem como de divulgar "uma ideia de sucesso", como alcançá-lo e o tempo que leva para consegui-lo. **Bananero** é outro youtuber e influenciador que aparece entre os entrevistados. Destacam-se as piadas de conteúdo erótico ou sexual e politicamente incorretas. Vários deles compraram sua cerveja "Japi", uma marca de cerveja do influenciador, para beber com amigos ou para dar de presente como brincadeira.
- Surge uma nova leva de influenciadores de *trading* e economistas. Um deles é o chileno **Axel Kaiser**, que apresenta o comunismo como uma "doença mental". Seguem contas como **Los**

Hereditários de Alberdi e El dolarcito. Por meio dessas contas nas redes sociais, eles acessam informações sobre economia e história econômica. Alguns dos nossos entrevistados também seguem influenciadores de criptomoedas e vários compraram cursos para se introduzir no mundo das criptomoedas durante a pandemia.

- Também são mencionados os criadores de conteúdo esportivo, embora não sejam influenciadores ligados ao masculinismo. Eles citam **Davo Xeneize** e **Pablo Carrozza**. Eles valorizam o fato de que eles “desmascaram” as teias de corrupção e os acordos nos bastidores do esporte.

Milei como “leão”

Como mencionamos no início, a figura de Javier Milei oferece aos jovens do sexo masculino a restauração de uma **dupla ordem**: a promessa de **estabilidade econômica** e acesso aos consumos globais de um “capitalismo normal” e, algo de grande importância, um **lugar seguro** a partir do qual podem se posicionar em meio a uma forte crise e reconfiguração das ordens de gênero.

A figura do “leão” simboliza um modelo de masculinidade forte e dominante. Eles não consideram Milei um macho alfa por sua aparência, mas pelo conteúdo de seu discurso, por ser alguém que colocou em seu devido lugar a desordem feminista e o fracasso dos políticos na economia.

Entre os jovens que já estão inseridos no mercado de trabalho, ganham maior destaque as razões econômicas, como a estabilidade macroeconômica, a queda da inflação e o ajuste fiscal com ênfase nos cortes nos programas sociais e na eliminação de gastos ineficientes, como o Ministério da Mulher, que eles comemoram com veemência.

As posições culturais e antifeministas de Milei são valorizadas por todos, especialmente pelos mais jovens (de 16 a 20 anos). Milei representa, acima de tudo, um modelo

de masculinidade que reflete autoridade, força e respeito, já que defende os direitos do homem contra “as mentiras das feministas”. A estética do leão é um símbolo de liderança e de “assumir a dianteira”.

O conceito de liberdade ganha um novo significado a partir desses posicionamentos. Liberdade é poder dizer abertamente o que pensam, em particular sobre as feministas e, de modo geral, sobre as mulheres, porque, como já dissemos, esses dois mundos frequentemente se sobrepõem em seus imaginários. É também a liberdade de poder progredir por meio do sacrifício e do esforço individual, por meio da concorrência de mercado, sem a interferência do Estado.

Milei representa muito também os homens, no sentido de que defende muito mais o homem, por exemplo, das feministas que estão sempre tentando prejudicar o homem com coisas, por exemplo, com mentiras e se achando superiores (grupo 4, 19 anos, Florencio Varela - PBA, estudante).

Em relação ao que foi dito anteriormente, a ideologia que a política impôs com grande vantagem beneficiou as mulheres e a comunidade LGBT. E agora, como que estou um pouco mais livre, não há limites. Começou com toda a questão do Milei, impôs-se um limite para elas, como que lhes impôs um limite e antes não havia limites, antes faziam o que queriam. (grupo 2, 25 anos, Roldán Santa Fe, funcionário de restaurante).

Acho que também se trata de mudar bastante a cultura do trabalho. Acima de tudo, a cultura do trabalho e dos estudos que existe hoje. Há uns 5 ou 6 anos, começou a se tornar normal que, se você não trabalhasse ou não estudasse, não acontecia nada. Afinal, podemos te dar um auxílio, você pode viver disso, podemos te dar uma pensão. Por exemplo, para as pessoas que eram pobres, não se dizia para elas saírem para trabalhar ou estudar ou algo assim, mas sim que iríamos discutir, fazer política e blá, blá, blá, blá. E assim, muita gente foi se acostumando com a ideia de que podia viver disso e não trabalhar. Mas pelo menos os mais jovens já sabem que o país só avança trabalhando (grupo 2, 24 anos, Caseros-Santa Fe, entregador).

A “Batalha Cultural” como atrativo militante

A “batalha cultural” é um conceito central no discurso político de Javier Milei e seus seguidores, e é vista pelos jovens do sexo masculino como uma reação necessária contra a deterioração moral e social e contra as políticas associadas ao “feminismo” e ao “progressismo”. Existem certas diferenças nos meios de comunicação e nos comunicadores que eles consomem, dependendo da faixa etária.

Os grupos de 21 a 25 anos costumam seguir comentaristas políticos de extrema direita (Agustín Laje, Danann) e admiram líderes políticos internacionais como Viktor Orbán, Nayib Bukele ou, inclusive, Vladimir Putin. Eles têm uma definição mais refinada da batalha cultural: entendem-na como o confronto entre o progressismo e as posições conservadoras, que se autodenominam de direita, e expressas na tríade “Deus, pátria e família”.

Os grupos mais jovens (de 16 a 20 anos) acompanham influenciadores da “machosfera” pelo TikTok, vídeos curtos do YouTube ou Instagram. Uma referência importante para eles é El Temach, que dá conselhos aos homens sobre como se valorizar e não implorar às mulheres; outra é o espanhol Dalas. Isso pode se aliar a uma definição mais literal e nacionalista da batalha cultural: o respeito de Milei pelos mortos nas Malvinas, pelas forças armadas e de segurança e pelo hino nacional.

Em resumo, os mais jovens costumam se aproximar dessas ideias por meio da defesa da masculinidade promovida pela cultura dos influenciadores, sendo que o posicionamento político local fica em segundo plano e o internacional é quase inexistente. Por sua vez, os jovens de 21 a 25 anos seguiram um caminho de aprofundamento na formação sobre as propostas políticas e econômicas locais por meio de líderes locais como Milei ou Agustín Laje e internacionais como Bukele, Putin ou Orbán. No entanto, ambos os caminhos os levam ao mesmo destino ideológico e político: a defesa e a identificação cultural e política com as propostas da extrema direita argentina.

Por exemplo, Meloni disse a eles que, se não gostam de como se vive na Itália, que saiam do país, porque não é o país que estão procurando para viver. Eles têm que respeitar o fato de que são católicos, que seguem um certo estilo de vida, blá, blá, e que os imigrantes queriam impor seu próprio estilo de vida, e que, quando se é imigrante, é preciso respeitar o país para o qual se está indo. Gosto muito da ideia do Bukele em relação à questão da segurança. Por fim, acho que aqui na Argentina há muitos políticos envolvidos em casos de corrupção que ainda não foram para a prisão. Gostaria que essa política do Bukele fosse aplicada aqui na Argentina para que eles não continuem à solta. E a maioria está envolvida; vi em um canal de televisão que o Feimann divulgou a lista dos envolvidos em casos de corrupção (Grupo 2, 25 anos, Roldán – Santa Fé, funcionário do setor gastronômico).

Notas metodológicas

O objetivo central deste trabalho é observar e refletir sobre as formas como os jovens eleitores de Milei se identificam com as lógicas e os discursos promovidos pelas agendas masculinistas. Esse processo é entendido como uma retroalimentação entre o líder político e as emoções e sentimentos mobilizados por seus seguidores. Para realizar esta pesquisa, foi elaborado um estudo baseado na realização de 8 minigrupos focais etnográficos, nos quais participaram três entrevistados por grupo, com a realização de entrevistas em profundidade com duração aproximada de duas horas.

A proposta metodológica consiste em observar a estruturação de uma forma de pensar e sentir exposta pelos entrevistados, entendendo que, por trás disso, subjaz uma linha de raciocínio que muitas vezes requer mais tempo de escuta para ser compreendida. Queremos, com esse exercício de escuta atenta, captar aqueles processos afetivos e biográficos que frequentemente ficam silenciados ou invisíveis diante de um processo de escuta rápida, mas que emergem diante de uma metodologia mais artesanal, que são o substrato do perfil ideológico dos indivíduos e o fundamento de suas decisões

sociopolíticas.

Os minigrupos focais são realizados a partir de uma amostra de eleitores do sexo masculino de Javier Milei, com idades entre 16 e 25 anos, na Argentina, distribuídos entre grupos de 16 a 19 anos, 20 a 22 anos e 23 a 25 anos. Entre os homens, a faixa etária que mais apoia Milei e o mileísmo é o segmento mais jovem, e nosso interesse é registrar nuances e evoluções dentro desse segmento.

Os minigrupos focais são organizados em amostras que abrangem cidades de 7 aglomerados urbanos, agrupados da seguinte forma: Província de Buenos Aires, Cidade Autônoma de Buenos Aires; Córdoba e Santa Fé; La Pampa, Mendoza, San Juan, San Luis e La Rioja; Catamarca,

Chaco, Tucumán, Jujuy, Salta, Santiago del Estero e Formosa; Misiones, Corrientes e Entre Ríos; e Rio Negro, Neuquén, Chubut, Santa Cruz e Terra do Fogo.

Os minigrupos focais são realizados levando em conta variáveis sociodemográficas e o nível socioeconômico geral, mas priorizando os homens das classes populares. Para chegar a esses jovens, foi realizada uma seleção prévia por meio de uma série de perguntas para identificar o perfil procurado com a ajuda de uma recrutadora: por um lado, ter votado em Milei nas eleições de meio de mandato (outubro de 2025) e, por outro, apoiar as declarações feitas pelo presidente na Conferência de Davos de 2023 e defender opiniões contrárias ao feminismo.

HEINRICH BÖLLSTIFTUNG BUENOS AIRES

Argentina | Uruguay | Paraguay



A Fundação Heinrich Böll é uma organização política alemã ligada ao partido Aliança 90/Os Verdes. Tem sua sede central em Berlim e conta atualmente com 34 escritórios em todo o mundo. A sede da Fundação e seu escritório em Buenos Aires estão especialmente comprometidos com políticas para uma transição socioecológica e um desenvolvimento sustentável, a promoção da democracia e da justiça de gênero, bem como com a consolidação institucional e o aprofundamento dos direitos humanos. Além disso, considera fundamental fortalecer a sociedade civil no diálogo permanente entre a cidadania e as instituições políticas como prática democratizadora. Dá ênfase especial ao intercâmbio de conhecimentos e à compreensão mútua entre atores na Europa e na América Latina, promovendo o diálogo internacional.